

Docentes de Relações Públicas Brasileiras: Narrativas Femininas¹

Andréia Silveira ATHAYDES²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Fabiana Gondim MARIUTTI³

Universidade de Ribeirão Preto e Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Cleuza Gimenes CESCA⁴

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

Resumo

A pesquisa sobre mulheres acadêmicas em relações públicas nas universidades é limitada, com mais estudos focados em feminismo no ambiente corporativo, especialmente em países como Reino Unido, América do Norte e Escandinávia. Este estudo qualitativo investigou as experiências de sete professoras seniores brasileiras em RP e comunicação organizacional. Os resultados destacam duas dimensões: competência feminista, relacionada ao crescimento de identidade e liderança, e desempenho feminista, centrado na satisfação em ensinar e nas expectativas para futuros profissionais de RP.

Palavras-chave

Docência em relações públicas; experiências acadêmicas; mulheres na universidade; competência; desempenho.

Fundamentação Teórica

Muito embora existam diferentes abordagens sobre o feminismo (liberal, radical, o marxista/socialista, o negro, o interseccional, o ecofeminismo e o transfeminismo), a literatura internacional aponta que mulheres em RP tendem a adotar a abordagem liberal, na qual existe a crença de que o progresso é baseado no mérito individual (Fitch et al., 2016; Fröhlich & Peter, 2007; Mariutti & Cesca, 2024). O feminismo liberal defende, ainda, a independência e o empoderamento, com a premissa de que homens e mulheres devem ter igualdade de condições no trabalho, desde que haja ajustes nas estruturas sociais e papéis de gênero (Yeomans & Mariutti, 2016, Fitch et al, 2023). Contudo, essa perspectiva é pouco explorada no contexto acadêmico, além da necessidade de investigar o feminismo em países emergentes.

¹ Trabalho apresentado (Sessão Temática – Discurso, Identidade e Relações de Poder), atividade integrante do XIX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Doutora, UFSM, andrea.athaydes@ufsm.br

³ Doutora, UNIAEB e do FUNDACE FA USP, fmariutti@uniaeb.br

Embora as desigualdades de gênero em RP sejam globais (Yeomans & Mariutti, 2016), no Brasil, elas se manifestam principalmente em empregos corporativos. A maioria dos profissionais de RP no Brasil são mulheres (CONRERP, 2022), mas, desde os anos 90, embora as mulheres dominem o setor, ainda estão sub-representadas em cargos de liderança (Tench & Yeomans, 2017; Moreno et al., 2021). A cultura brasileira, historicamente marcada pelo machismo desde a colonização, ainda reflete a masculinidade como um pilar social (Grünnagel & Wieser, 2015), o que torna o papel do 'feminino' instável no contexto social, econômico e geopolítico do país.

A literatura internacional sobre mulheres em relações públicas começou com Smith (1968) e, desde então, acadêmicos têm produzido uma vasta quantidade de conhecimento sobre o tema, com pesquisas teóricas e empíricas publicadas em livros (Bridgen & Verčič, 2018; Grunig et al., 2001; Theofilou, 2020), capítulos (Toth & Aldoory, 2021; Wrigley, 2010) e artigos acadêmicos (Fitch et al., 2016; Grunig et al., 2000; Molleda & Ferguson, 2004; Moreno et al., 2021; Yeomans, 2019; Yeomans & Mariutti, 2016). A liderança feminina em RP (Aldoory, 1998) e a compreensão da disciplina (Ciszek, 2018; Tench & Yeomans, 2017) têm sido temas centrais, embora mais estudos sobre gênero, raça e sexualidade sejam necessários para abordar as questões sociais, culturais e éticas contemporâneas (Ciszek et al., 2022). Estratégias feministas liberais defendem a igualdade e a liberdade, rejeitando a discriminação e promovendo competências de empoderamento como networking e mentoria (Grunig et al., 2001; Yeomans & Mariutti, 2016).

Existem poucos estudos brasileiros sobre RP alinhados com a teoria de gênero ou feminista, ou sobre competências específicas do feminismo. Aldoory (1998) destaca que assertividade, empatia e argumentos lógicos demonstram liderança em profissionais de RP do sexo feminino. As habilidades de RP podem variar entre caráter intelectual e pessoal (Mariutti, 2021; Williams, 2018), com foco no desempenho ético e em diferentes perspectivas culturais. Neste estudo, as habilidades de RP são entendidas como estratégicas, táticas ou comportamentais, adaptando-se a múltiplos contextos e condições. Também se considera a convergência com as quatro questões-chave de Gregory (2020) para o futuro das RP: globalização, mudanças políticas, avanços tecnológicos e transformação do espaço cívico, incluindo o ativismo. O desempenho competente de profissionais é

Tench & Yeomans, 2017; Yeomans & Mariutti, 2016), promovendo, especialmente, a liderança feminina (Moreno et al., 2021). A pesquisa feminista, predominantemente liberal (Ciszek et al., 2022), ainda carece de amostras brasileiras. Assim, este estudo avança a teoria, a prática e a compreensão da perspectiva feminista liberal sobre as mulheres em RP no Brasil. A metodologia baseou-se em sete entrevistas realizadas por e-mail em 2021, totalizando 9.830 palavras (Rakow & Nastasia, 2018).

Competência Feminista de RP

A competência feminista de RP, alinhada com intelectos feministas (Daymon & Surma, 2012; Fitch et al., 2016) e capacidades feministas liberais (Grunig et al., 2000; Yeomans & Mariutti, 2016), favorece o empoderamento das mulheres de RP e o crescimento de identidade (Daymon & Surma, 2012; Williams, 2018). A liderança (Gregory, 2020) e a autonomia (Grunig et al., 2000; Yeomans & Mariutti, 2016) proporcionam um senso de realização para as professoras de RP. A importância dessa identidade se reflete nas falas das entrevistadas, destacando a necessidade de inclusão de mulheres em cargos de gestão, aumento de pesquisas e maior investimento em aprendizado contínuo. Além disso, o reconhecimento da profissão impacta o ambiente acadêmico, exigindo campanhas institucionais para melhorar o perfil das RP no país.

Desempenho Feminista de RP

O desempenho feminista de RP inclui a satisfação em ensinar (Rakow & Nastasia, 2018; Wrigley, 2010; Yeomans, 2014) e as expectativas sobre futuros profissionais, além do prazer de ser palestrante (Grunig et al., 2001). As sete professoras concordaram que a maior satisfação está em ver os alunos se desenvolvendo, com alunos compartilhando suas redes de contatos e mentorias com outras mulheres durante a graduação. As professoras destacaram a alegria em compartilhar conhecimento, transformando-se em aptidões empáticas (Aldoory, 1998). Uma entrevistada afirmou que "empatia está no DNA das RPs". Além disso, assertividade e pensamento racional são características de liderança e valor próprio das mulheres em RP (Aldoory, 1998; Fitch et al., 2016; Fröhlich & Peter, 2007; Yeomans, 2014, 2019). Este estudo contribui para reflexão teórico-prática para avanço no desempenho docente e implicação no reconhecimento acadêmico pelas universidades, sendo o primeiro estudo com essa temática científica e com essa

amostra de mulheres docentes de RP -- no Brasil. Também colabora para a teoria feminista contemporânea de RP, enfatizando a importância da igualdade de gênero, empatia e o respeito pelas diferenças regionais, sociais, raciais e culturais no contexto de RP. Neste sentido, o aprofundamento da pesquisa aqui apresentada e também as futuras, devem observar outras abordagens feministas. Especialmente, a da interseccionalidade, pois ela configura-se como uma ferramenta analítica, cuja função primordial reside na abordagem da complexidade inerente ao mundo social, postulando que categorias como raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, dentre outras, estabelecem interconexões e influenciam-se mutuamente (Collins; Bilge, 2021).

Referências

ALDOORY, Linda. The language of leadership for female public relations professionals. *Journal of Public Relations Research*, v. 10, n. 2, p. 73–101, 1998. DOI: https://doi.org/10.1207/s1532754xjpr1002_01.

ANDERSSON, Robin. Being a 'strategist': Communication practitioners, strategic work, and power effects of the strategy discourse. *Public Relations Inquiry*, v. 9, n. 3, p. 257-276, 2020.

BRIDGEN, Elizabeth; VERČIČ, Dejan (Eds.). *Experiencing public relations: International voices*. Routledge, 2018.

CISZEK, Emily. Queering PR: Directions in theory and research for public relations scholarship. *Journal of Public Relations Research*, v. 30, n. 4, p. 134-145, 2018.

CISZEK, Emily; PLACE, Kelly R.; LOGAN, Nicholas. Critical humanism for public relations: Harnessing the synergy of gender, race, and sexuality research. *Public Relations Review*, v. 48, n. 1, p. 102151, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

DAYMON, Claire; SURMA, Agnieszka. The mutable identities of women in public relations. *Public Relations Inquiry*, v. 1, n. 2, p. 177-196, 2012.

Mariutti, F. G., & Cesca, C. G. G. (2024). Female Public Relations Professors in Brazil: A Contemporary Liberal Feminist-Centred Study. In *Women's Work in Public Relations* (pp. 147-169). Emerald Publishing Limited.
FITCH, Karyn; JAMES, Melanie; MOTION, Jill. Talking back: Reflecting on feminism, public relations, and research. *Public Relations Review*, v. 42, n. 2, p. 279-287, 2016.

FRÖHLICH, Rainer; PETERS, Susanne B. PR bunnies caught in the agency ghetto? Gender stereotypes, organizational factors, and women's careers in PR agencies. *Journal of Public Relations Research*, v. 19, n. 3, p. 229-254, 2007.

GREGORY, Anne. *Planning and managing public relations campaigns: A strategic approach*. Kogan Page Publishers, 2020.

GRUNIG, Linda A.; TOTH, Elizabeth L.; HON, Linda C. Feminist values in public relations. *Journal of Public Relations Research*, v. 12, n. 1, p. 49-68, 2000.

GRUNIG, Linda A.; TOTH, Elizabeth L.; HON, Linda C. *Women in public relations practice: How gender influences practice*. Guilford Press, 2001.

GRÜNNAGEL, Claudia; WIESER, Daniela. "O Brasil é um país extremamente machista": entrevista com Luiz Ruffato. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 383-395, 2015.

HON, Linda C. Toward a feminist theory of public relations. *Journal of Public Relations Research*, v. 7, p. 27-88, 1995.

MARIUTTI, Fabiana G. Public Relations Role and the Communication Management Field in Brazil. In: TENCH, Ralph; WADDINGTON, Sarah (Eds.). *Exploring Public Relations and Strategic Communication* (5. ed., p. 116-117). Pearson Education, 2021.

MOLLEDA, Juan-Carlos.; FERGUSON, Marilyn A. Public Relations Roles in Brazil: Hierarchy Eclipses Gender Differences. *Journal of Public Relations Research*, v. 16, n. 4, p. 327-333, 2004.

MORENO, Ángeles; KHALIL, Noura; TENCH, Ralph. Enemy at the (house) gates: permanence of gender discrimination in public relations career promotion in Latin America. *Communication & Society*, v. 34, n. 3, p. 169-183, 2021.

RAKOW, Lana F.; NASTASIA, Daniela I. On Dorothy E. Smith: Public Relations and Feminist Theory at the Crossroads. In: IHLEN, Øyvind; FREDRIKSON, Mats; VAN RULER, Betteke (Eds.). *Public Relations and Social Theory* (p. 354-373). Routledge/Taylor and Francis Group, 2018.

SMITH, Robert W. Women in Public Relations. *Public Relations Journal*, v. 24, n. 10, p. 26-29, 1968.

TENCH, Ralph; YEOMANS, Liz. *Exploring Public Relations and Management Communication* (4. ed.). Pearson Higher Ed, 2017.

THEOFILOU, Afroditi (Ed.). *Women in PR History*. Londres: Routledge, 2020.

TOTH, Elizabeth L.; ALDOORY, Linda. *Women in Public Relations: A Feminist Perspective*. De Gruyter Mouton, 2021.

WILLIAMS, Shannon. Personality in practice. In: BRIDGEN, Elizabeth; VERČIČ, Dejan (Eds.). *Experiencing Public Relations: International Voices* (p. 51-65). Abingdon: Routledge, 2018.

WRIGLEY, Ben J. Feminist scholarship and its contributions to public relations. In: *The SAGE Handbook of Public Relations*. Sage, 2010.

YEOMANS, Liz. Is a 'new feminist visibility' emerging in the UK PR industry? Senior women's discourse and performativity within the neoliberal PR firm. *Public Relations Inquiry*, v. 8, p. 127-147, 2019. DOI: 10.1177/2046147X19842909.

YEOMANS, Liz; MARIUTTI, Fabiana G. Different lenses: Women's feminist and postfeminist perspectives in Public Relations. *Revista Internacional de Relaciones Públicas*, v. 6, n. 12, p. 85-106, 2016.